N.º 13// setembro 2021 // www.cia.ipt.pt

Antrope
ἀνθρωπε

Materialidade arqueológica: entre a Geografia e as Sociedades Humanas

Antrope // N. 13 // setembro 2021 // pp. 130 – 147 // ISSN 2183-1386
http://www.cta.ipt.pt/index.php?actual=2&total=13&pagina=unidade_editorial&seccao=antrope&lang=PT#media

ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NO *FÓRUM LUÍSA TODI* SUBSÍDIO PARA OS ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA CIDADE DE SETÚBAL

ARCHAEOLOGICAL WORK AT THE *LUÍSA TODI* FORUM AID FOR ARCHAEOLOGICAL STUDIES IN SETÚBAL

Recebido a 18 de maio de 2021
Revisto a 05 de julho de 2021
Aceite a 19 de julho de 2021

José Luís Neto
Investigador do Centro de Estudo de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
Jlneto77@gmail.com

Maria João Cândido
Técnica Superior da Câmara Municipal de Setúbal
mjbfcandido@gmail.com

Resumo

No âmbito dos trabalhos de requalificação do emblemático *Fórum Luísa Todi*, um dos mais importantes edifícios públicos da cidade de Setúbal, efetuaram-se trabalhos de minimização de impacte no património cultural arqueológico, e acompanhamento dos trabalhos de escavação e remeximento de terras da empreitada. Apresentam-se os resultados dessa intervenção que trouxe novos contributos para o conhecimento histórico-arqueológico da ocupação humana naquele espaço.

Palavras-chave: Acompanhamento arqueológico; Arqueologia contemporânea; Arqueologia em Setúbal; Faiança contemporânea.

Abstract

During the rehabilitation work on the emblematic *Luísa Todi Forum*, one of the most important public institutions on the city of Setubal, there was an archaeological team that intervened, to minimize the impact of the construction on cultural heritage, and monitor all land excavations. Presently, we present the results of that archaeological intervention, bringing forth new contributions towards the ever growing historical and archaeological knowledge of the occupation of the site.

Keywords: Archaeological monitoring; Contemporary Archaeology; Archaeology on Setubal; Contemporary faience.

1. Introdução

Em finais de 2012 foi reinaugurado o *Fórum Luísa Todi*, edifício carismático da cidade de Setúbal, sito na homónima avenida. Essa reestruturação do edifício, de traça modernista, implicou a ampliação da área do palco (toda a zona a nascente) de 5 metros, com 3 metros de profundidade. Assim, estando na área de proteção das muralhas de Setúbal, em vias de classificação, houve necessidade de se proceder à execução de trabalhos arqueológicos de prevenção, a que este estudo se reporta.

O edifício primitivo, o Teatro Rainha Dona Amélia, com projeto do arquiteto italiano Nicola Bigaglia, foi inaugurado em 1897, com a peça *Bacarola*, da autoria de Arronches Junqueiro, ilustre setubalense. Embora de exterior relativamente modesto, tinha no seu interior painéis e decorações de pintores setubalenses, como João Vaz, Eloy do Amaral, Francisco Augusto Flamengo e Pereira Cão. Após um incêndio, foi demolido em 1956. A 24 de Março de 1960 é inaugurado o novo teatro, o *Fórum Municipal Luísa Todi*, no âmbito das comemorações do centenário da elevação de Setúbal a cidade. Com projeto de arquitetura da autoria de Fernando Silva, é um edifício característico da Arte Moderna.

Figura 1 – Antigo Teatro Rainha Dona Amélia, Avenida Luísa Todi, Setúbal. Fonte: Arquivo fotográfico Américo Ribeiro. Anos 40 do século XX

2. Acompanhamento Arqueológico

A equipa que conduziu esta intervenção arqueológica foi constituída por Maria João Cândido e José Luís Neto, arqueólogos do Museu de Setúbal/Convento de Jesus, à época. Assistiu-se à demolição dos pisos de alcatrão e de calçada calcária, que permitiu fazer registos fotográficos das operações. A vala escavada tinha as dimensões de 26 metros de comprimento por 9 metros de largura, realizada de acordo com o projeto de remodelação do Fórum, englobando a ampliação do palco e, consequentemente, a construção de uma nova parede a nascente do edifício. A escavação foi realizada por meios mecânicos, recorrendo a uma retroescavadora.

Figura 2 – Vista para a Avenida Luís Todi. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008. Fonte: dos autores.

Figura 3 – Alicerces de implantação dos edifícios a nascente. À direita, do Teatro Rainha Dona Amélia, à esquerda, do Fórum Luísa Todi. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

A estratigrafia não apresentou grandes novidades, no contexto do já previamente identificado, na cidade de Setúbal. As primeiras camadas correspondem a deposições recentes - camadas 1 a 7 -, sendo a camada 9, de areia de praia. Após a escavação das primeiras camadas, a cerca de 50cm de profundidade, surgiu um muro, com cerca de 90 cm de largura, distanciado da parede do edifício atual em cerca de 140 cm e paralela a este. Uma vez posto a descoberto, optou-se por aprofundar primeiro a área entre muros, facilitando o acesso à retroescavadora.

Observou-se que, aquando da construção do edifício atual, toda a área entre os muros teve enchimento, constituído por pedras de grandes dimensões até às camadas de areia. O muro era constituído por alvenaria de grande e média dimensão, ligada com argamassa, tendo na sua face poente restos de reboco com pintura, correspondendo à face interior do edifício primitivo. Este corresponde ao muro nascente do Teatro Rainha Dona Amélia, demolido em 1956, assentando, por sua vez, na camada de areia. Junto ao corte norte, foi detetado um muro muito destruído e que seria perpendicular ao primeiro, correspondendo à parede norte do Teatro Rainha Dona Amélia.

Figura 4 – Escavação entre muros, com aparecimento do lençol freático. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

Figuras 5 e 6 – Alicerce descoberto, assente em antiga praia. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

Uma vez posta a descoberto toda a extensão do muro, pudemos proceder à escavação da restante área, tendo sido detetada, na camada 9 (camada de areia fina), uma estrutura em ferro, já muito danificada, que corresponderia a uma caixa de depósito (com aplicação de rebites), à cota de 0.50m. O seu interior já se encontrava com areia, mas no fundo foram detetados restos de crude, facilmente reconhecível pelo odor no contacto com o ar e a água.

Figura 7 – Redescobrimento da antiga praia. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

Figura 8 - Caixa/contentor metálico posto a descoberto. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

Sob a camada 9, de areia fina que se encontrava sobre a caixa metálica e a norte desta, foi detetado um nível de uma camada de matéria orgânica, compacta e que parece corresponder a madeira em decomposição. Este nível encontrava-se à cota de 1.18 metros.

Figura 9 - Nível de matéria orgânica na antiga praia. Fonte: Intervenção arqueológica de 2008, dos autores.

3. Materiais

Para uma área aberta muito significativa, poucos materiais foram recolhidos. Desses, menos permitem ainda uma leitura consistente e credível para nos fornecer dados fiáveis na leitura crono-estratigráfica. No entanto, os materiais provenientes do nível de areia são coerentes na definição do fecho desse contexto.

Assim, temos, por exemplo, um conjunto de produções de faiança extremamente interessante. É o caso de uma chávena de chá, de pastas caulinas, e pó de pedra, de tratamento industrial, com um acabamento vidrado que facilmente nos levaria a confundi-la com uma porcelana chinesa, que pretende imitar. Apresenta um bordo ligeiramente extrovertido, corpo quase vertical, fechando num pé baixo anelado e fundo. A decoração está praticamente centrada na metade superior de ambas as superfícies, numa profusão vegetalista a azul, verde, vermelho e preto, sobre esmalte branco. Na face externa, sobre a linha do pé, apresenta uma banda a vermelho. Na face interna, no fundo, apresenta três flores a azul. Outro exemplo é um pequeno fundo, também ele orientalista, onde, no fundo externo apresenta uma marca “CANTO […] D. F.” com um “O F” gravado. Na face externa apresenta uma figuração chinesa relacionada com o chá, a preto e dourado. São duas peças de proveniência exógena, provavelmente de fabrico inglês ou francês, da primeira metade do Século XIX, quando os orientalismos estavam em grande moda. Igualmente exógeno é o fragmento de fundo de garrafa em grés vitrificado, que ostenta a marca de uma coroa em punção.

Figura 10 – Antiga praia. Produção exógena orientalista. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

Figura 11 – Antiga praia. Garrafa de grés com marca. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

Sobre essas produções, são vários os estudos recomendáveis, para detalhar o conhecimento. Acerca de produções europeias oitocentistas, e a sua tradição revivalista, veja-se, por exemplo, o trabalho de Ronald Pearsall, *Pottery & porcelain* (1997, pp. 63-82), e a primeira metade do 12.º capítulo de *La ceramica Europea* (Aliprandi e Milanese, 1986, pp. 335-342). Acresce uma recomendação de leitura ao trabalho de Hugo Morley-Fletcher, *Pottery and Ceramics*, que sublinha a enorme influência da cerâmica oriental nas produções europeias da época (1984, pp. 68-115).

Figura 12 – Antiga praia. Produção orientalista. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

Figura 13 – Antiga praia. Marca inglesa da peça da figura 12. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

No que às produções nacionais diz respeito, ao nível da faiança, temos um prato esmaltado a branco, de bordo extrovertido, aba simples, caldeira pronunciada e fundo raso sobre pé baixo em anel. A decoração concentra-se na face interna. No fundo temos uma banda a azul de cobalto, ao longo da linha de junção da caldeira com o fundo. Outros dois círculos, centrais, igualmente a azul, perfazem o conjunto decorativo do fundo. Na aba temos uma banda a amarelo onde, espraiando-se até à caldeira, se alternam flores estilizadas, a verde, com outras, a vermelho. A pasta é beije, muito depurada, sem

inclusões e dura, indiciando tratamento industrial. Uma outra taça esmaltada, de bordo extrovertido, corpo semi-elipsoidal e fundo raso sobre pé baixo anelado, apresenta a decoração também na face interna. Simples, com uma banda a vinoso no início do corpo e outra no fundo, tem, nas paredes, a intervalos regulares, uma flor com o núcleo a vinoso e as pétalas a amarelo. Acresce ainda um outro prato esmaltado a branco, de bordo extrovertido, aba simples, caldeira pronunciada e fundo raso sobre pé baixo em anel. A decoração concentra-se na face interna. No fundo temos uma banda a vinoso ao longo da linha de junção da caldeira com o fundo. Como motivo central, uma flor a azul de cobalto. Na caldeira uma banda a amarelo e na aba, duas linhas vermelhas separam flores a azul. Também com o mesmo tipo de pastas, temos um fundo de taça esmaltada a branco, com um pé baixo, mas pronunciado. Na face interna, no fundo, apresenta uma figuração feminina, de longa saia e avental, ladeada por flores a azul, verde, vermelho e amarelo. Lamentavelmente nenhum dos fragmentos apresenta marca, mas tal não impede que se os possa atribuir a produções Oitocentistas.

Figura 14 – Antiga praia. Prato de faiança portuguesa. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

Figura 15 – Antiga praia. Taça de faiança portuguesa. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

Outro tipo de material corresponde a fragmento de fresco parietal, onde se pode observar a utilização do verde. Igualmente parietais são os fragmentos de azulejo, um em esponjado, a vinoso, e outros dois pequenos fragmentos, a vinoso, amarelo e verde, sobre branco, de motivos vegetalistas estilizados.

Figura 16 – Fragmento de muro pintado a marmoreados verdes (possivelmente têmpera). Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

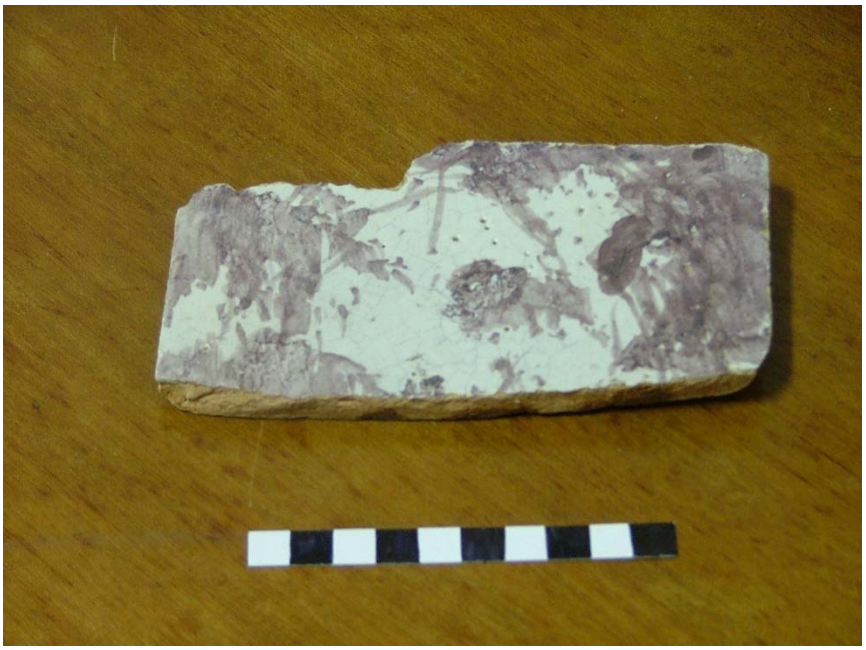

Figura 17 – Fragmento de azulejo esponjado a vinoso, da 2.ª metade do século XVIII (?). Fonte: fotografia dos autores.

No que respeita à caixa metálica, temos de nos deter em dois aspetos. O primeiro é que é possível fazer colagens de fragmentos encontrados no seu interior e exterior, casos de uma malga vidrada a melado e de um assador de cerâmica comum, ambos de produções locais. Tal indica, de forma inequívoca, que a caixa estava desativada aquando do seu aterro, em perfeita sintonia com o que estava ao seu redor. Assim sendo, materiais que aí se encontraram ajudaram a calibrar a cronologia da camada, do mesmo modo que os materiais das areias auxiliaram a classificar a caixa.

Figura 18 – Antiga praia. Fragmentos de cerâmica comum setubalense e alentejana, datáveis da centúria de setecentos. Fonte: fotografia dos autores.

É esse o segundo aspeto pois, no seu interior, encontramos um prato esmaltado a branco, de bordo extrovertido pendente, com separação entre a aba e caldeira, pé raso sobre anel muitíssimo baixo. A pasta é de caulino e pó de pedra. A decoração concentra-se na face interna, no fundo e caldeira, predominantemente. A decoração, a verde, apresenta, aparentemente, uma alegoria que, por estar fragmentada, não permite a leitura. Contém um vaso, flores e outros elementos, numa peça de qualidade, da Fábrica de Loiças Finas de Lopes & Companhia, de Alcântara, conforme à marca no reverso. Outro fragmento de fundo, também ele pintado a verde sobre branco, com uma árvore, pertence ao mesmo fabricante. De referir que estas, e as restantes marcas identificadas no presente trabalho, não se encontram registadas no detalhado trabalho do *Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelanas* (Simas & Isidro, 1996).

Figura 19 – Antiga praia. Tampa de terrina *Cavalinhos* a verde, fábrica de Sacavém, 1860 – 1890. Fonte: fotografia dos autores.

Figura 20 – Antiga praia. Prato da fábrica de Alcântara. De 1885 a inícios do século XX. Fonte: fotografia dos autores.

A Fábrica de Loiças Finas de Lopes & Companhia, de Alcântara, foi fundada em 1885, e laborou até ao começo do Século XX, sendo que da sua produção pouco ou quase nada se conhece (Custódio, 1994, pp. 379-380). Não é referida, por exemplo, por Artur de Sandão, na sua *Faiança Portuguesa* (1988).

Conjuntamente com este elemento de datação mais calibrada, temos, de fora do contentor, um fragmento de tampa de uma terrina, que apesar de não ostentar marca, corresponde a uma produção da Fábrica de Loiças de Sacavém, não só por apresentar uma pasta de caulino e pó de pedra, mas por ter, na face externa, os famosos motivos decorativos denominados por *cavalinhos*. Pintado a verde, as peças com *cavalinhos* são classificadas como passível de terem sido produzidas entre as décadas de sessenta a inícios de noventa do Século XIX, de acordo com Ana Paula Assunção (1997) e corroboradas por Artur de Sandão (1999, pp. 199-202, vol. 2).

Figura 21 – Marca da Fábrica de Alcântara no prato. Fonte: fotografia dos autores.

Concluiu-se, consequentemente, a partir das peças datáveis de fábricas conhecidas de Lisboa, que o aterro que desativa a praia de acostagem foi realizado nos finais de oitenta, inícios de noventa do Século XIX. Tal é conforme aos restantes materiais, bem como às imagens fotográficas datadas, do Arquivo Fotográfico de Américo Ribeiro.

Este é, sem dúvida, o aspeto mais importante da leitura dos materiais. Outros há, como algumas cerâmicas do Antigo Regime, que atestam o aterrar da zona da atual Avenida Luísa Todi, e a localização do porto internacional, entre o quartel de N. S. da Conceição e o Baluarte do Livramento, conforme à cartografia de seiscentos, setecentos e inícios de oitocentos. Pouco numerosas, todavia, não deixam de comprovar a ocupação desse espaço, conquistado ao rio. Para aprofundar conhecimentos sobre essa apropriação, recomenda-se uma leitura sobre os trabalhos arqueológicos efetuados na Avenida Luís Todi (Seromenho e Neto, 2001, pp. 93-98), e no Baluarte de S. Brás (Neto e Cândido, 2007, pp. 147-172).

Por último, sobre a camada de areia, encontrámos materiais muito díspares, desde latas de *coca-cola* e *iced tea*, a peças coevas com o aterro de final do Século XIX, como é o caso do fundo de um pote de grandes dimensões em faiança portuguesa, esmaltada a branco. A pasta é beije, muito depurada, sem inclusões e dura, indiciando o seu tratamento industrial, com adesões ferrosas. A pintura, a azul de cobalto em bandas, centra-se na face externa. Possui um motivo a verde que não é possível interpretar. No fundo, uma marca pintada a azul, com “V. M.D.”.

Figura 22 – Aterros. Pote a azul e verde. Marca V. M. D. Século XIX. Fonte: fotografia dos autores.

4. Análise e Conclusões

Tratando-se de um acompanhamento em zona de pouca relevância arqueológica, foi com alguma surpresa que surgiram dados relevantes. Assim, o muro do Teatro Rainha Dona Amélia é de particular interesse, porquanto as plantas estão perdidas e, conjuntamente com as fotografias de arquivo, permitem-nos concluir que as dimensões da antiga estrutura e do Fórum Luísa Todi são muito semelhantes.

Outro aspeto relevante foi o aparecimento do contentor metálico, associado aos restos de madeira, demonstrando, que se tratava de vestígios de uma embarcação abandonada na praia, como muitas outras que ainda hoje se vêm em total decomposição. Os restos de crude no contentor e a madeira levam a presumir que esta embarcação foi previamente descarnada de tudo aquilo que pudesse ter interesse e ser reaproveitado. As cerâmicas, conjuntamente com a construção do Teatro, permitem-nos datar esse momento de aterro, encerrando o banco de acostagem, o qual havia sido criado na sequência das obras efetuadas para a construção das muralhas da Restauração, datando da segunda metade do Século XVII.

Bibliografia

Aliprandi, G. & Milanese, M. (1986). *La ceramica europea*. Génova: Ed. Culturali Internazionale.

Assunção, A. P. (1997). *Fábrica de louça de Sacavém*. Lisboa: Ed. Inapa.

Custódio, J. (1994). Fábrica de Loiça de Lopes & Companhia. *Dicionário de História de Lisboa*. Sucena, E. & Santana, F. (dir.). Lisboa: Ed. Carlos Quintas & Associados L.da.

Morley-Fletcher, H. M. (1984). *Pottery and Ceramics*. Londres: Ed. Greenwich.

Neto, J. L. & Cândido, M. J. (2007). Resultados da intervenção arqueológica no Baluarte de S. Brás. *Subsídios para o estudo da História Local*, Volume 3. Setúbal: Ed. Câmara Municipal de Setúbal, 147 – 172.

Pearsall, R. (1997). *Pottery & porcelain*. Londres: Ed. Tiger Books.

Sandão, A. de (1999). *Faiança Portuguesa – Séculos XVIII – XIX*. 2 volumes. Barcelos: Ed. Civilização.

Simas, F. & Isidro, S. (1996). *Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelanas Portuguesas*. Lisboa: Ed. Estar.

Seromenho, L. & Neto, J. L. (2001). Sobre alguns materiais arqueológicos provenientes da Avenida Luísa Todi. *Subsídios para o estudo da História Local*, Volume 1. Setúbal: Ed. Câmara Municipal de Setúbal, 93 – 98.

ipt
Instituto
Politécnico
de Tomar

caq.ipt
Centro
das Arqueologias